

FEMINISTO: DERIVAÇÕES MASCULINAS EM -O

FEMINISTO: MASCULINE DERIVED FORMS IN PORTUGUESE

Luana De Conto¹

Marina C. Legroski²

RESUMO: Analisamos neste trabalho a terminação -o presente nas palavras *feministo*, *princeso*, *muso* e *divo*. Mostramos que, apesar de haver grande disseminação de uma análise do -o dos substantivos como vogal temática não marcada e, portanto, sem valor masculino, a literatura da área já aponta para uma proposta de análise do gênero dos substantivos como derivação e para uma diferenciação entre o comportamento de gênero em nomes que referem seres humanos e animados. A partir de dados coletados manualmente em redes sociais, mostramos que as palavras em análise derivam de palavras associadas ao sexo feminino de referentes humanos – *feminista*, *princesa*, *diva* e *musa*. Nossa análise conclui que o morfema derivacional -o é usado para demarcar a oposição entre masculino e feminino em referentes humanos e animados, por analogia ao sistema flexional de adjetivos biformes, do tipo *bonito/bonita*, em que a expressão de gênero gramatical é compulsória.

Palavras-chave: derivação; masculino; gênero.

ABSTRACT: In this work, we analyze forms with -o suffix from Brazilian Portuguese: *feministo*, *princeso*, *muso* and *divo*. We show that, although there is a wide dissemination of the unmarked form analysis, in which the -o of nouns is a thematic vowel without masculine value, the literature of this field already embraces the analysis of the gender of nouns as a derivation process and it also points towards a differentiation between gender behavior in nouns referring to human and animate beings. With data collected manually from social networks, we show that these words derive from terms associated with the female gender of human referents – *feminista* (feminist), *princesa* (princess), *diva* (diva) and *musa* (muse). Our analysis concludes that the derivational morpheme -o is used to mark the opposition between masculine and feminine in human and animate beings, by analogy to the inflectional system of biform adjectives, like *bonito/bonita* (beautiful-o/a), in which the expression of grammatical gender is compulsory.

Keywords: derivation; masculine; gender.

¹ UFPR.

² UEPG.

1. INTRODUÇÃO

No âmbito da morfologia estruturalista, a análise dos morfemas revela uma dimensão essencial da formação das palavras na língua. Neste contexto, o morfema *-o*, tradicionalmente tratado pela gramática como marca de masculino e neutro genérico, merece particular atenção. É comum desde John Martin (1975) que se trate o morfema *-o* como marcador neutro em relação a gênero. Especialmente no plural, em casos como “eles” e “todos”, se advoga que este masculino é não especificado para gênero e abarca entes masculinos e femininos. Este artigo se propõe a investigar as nuances e os padrões estruturais envolvendo o morfema *-o* colocando em análise palavras que são interpretadas como masculinas, a saber, *feministo*, *princeso*, *muso* e *divo*, que não permitem tão trivialmente a análise dessas formas como não marcadas.

Essa característica gramatical se alinha com a convenção linguística que associa palavras com a terminação *-o* preponderantemente a substantivos masculinos. Nossa análise dessa presença sistemática de *-o* nas formações examinadas permite compreender como o processo de gênero gramatical se manifesta de maneira singular, criando palavras que denotam especificamente o masculino.

Dessa forma, a investigação detalhada do morfema *-o* oferece um vislumbre da intrincada relação entre a morfologia e a atribuição de gênero na língua, enriquecendo nossa compreensão da estrutura linguística subjacente.

Dividimos esse artigo em três sessões: apresentação dos dados, revisitação da análise da forma masculina e discussão dos dados.

2. DADOS COM *-O* MASCULINO

Nosso interesse neste trabalho se debruça sobre as palavras *feministo*, *divo* e *princeso*, ilustradas nos proferimentos abaixo.

- (1) O Jovem Nerd que paga de militudo feministo fazendo jabá pra site porno e ainda levando a nojenta dreadhot pra participar do podcast, parabéns ai pra quem acredita nesse demagogo do caralho
- tuíte de @eduardoritalino em 12 de junho de 2020
- (2) trabalhar pra dar o mundo pro princeso
o princeso sou eu msm no caso
- tuíte de @Lucassouza_w em 14 de junho de 2020
- (3) Também ganhei um título que eu não tinha, o de muso da pandemia.
- Ary Fontoura, em entrevista para o Conversa com Bial, em 12 de junho de 2020
- (4) Adoro cantar enquanto faço exercícios pq fico ofegante e imagino que é porque tô no palco, cantando e dançando ao mesmo tempo, como um grande divo pop
- tuíte de @arianjoamargo

Nota-se que os quatro itens em análise fazem referência a versões masculinas de palavras que, por conhecimento de mundo, estão relacionadas a referentes tipicamente femininos – a saber, *feminista*, *princesa*, *musa* e *diva*. Há fortes indícios de que a expressão do masculino esteja associada à presença da marca *-o* no final da palavra.

As perguntas que se colocam, então, são: qual a natureza dessa marca? É pertinente analisá-la como vogal temática, como costumeiramente se faz com outras palavras terminadas em *-o*? Qual a relação entre essa marca e o gênero masculino? Para responder a essas perguntas, precisamos revisitar as análises formais do gênero em português.

3. REVISITAÇÃO DA ANÁLISE DA FORMA MASCULINA

Palavras terminadas em -o, como *menino*, *médico* e *pato*, recebem, desde o estruturalismo, a análise como formas não marcadas em relação a gênero. Ou seja, são palavras que se referem, ambigualmente, a seres do sexo masculino ou a seres indistintamente marcados em relação ao sexo, entendidos como representantes daquela categoria “no sentido amplo/genérico”. Note, abaixo, as sentenças em (a) em que esses substantivos têm referência genérica, enquanto em (b) a presença da forma feminina induz à interpretação de -o como referência a entidades masculinas.

- (5) a. A coisa mais triste é ver um menino pedindo dinheiro na rua.
b. Ontem eu vi um menino e uma menina pedindo dinheiro na rua.
- (6) a. Estou com dor de estômago... Preciso consultar um médico.
b. Eu não procuro mais médico, só marco consulta com médica.
- (7) a. Eu queria ter um pato como bicho de estimação.
b. Você sabe como diferenciar um pato de uma pata?

Neste sentido, as palavras utilizadas para distinguir seres sexuais (quando é o caso) nem sempre foram entendidas da mesma forma pelos estudiosos da linguagem. Nas gramáticas tradicionais, era comum que se tratasse palavras como *homem/mulher* como um par masculino e feminino, sem especificação sobre se esse par era “biológico” ou de substantivos ligados pelo fato semântico de referir a seres da mesma espécie.

É este tipo de reflexão filosófica que Joaquim Mattoso Câmara Jr. (1970) levanta antes de se debruçar, propriamente, sobre o que vai descrever como processo de flexão para a marcação de gênero. Para o autor, existirem palavras que se referem a seres sexuais femininos e masculinos não necessariamente implica em processos morfológicos idênticos que originam palavras para referirem a estes

seres. Ou seja, eventualmente a língua se vale de fenômenos para criar palavras que diferenciam os sexos dos referentes, mas isso não necessariamente quer dizer que há um espelhamento entre sexo biológico e gênero morfológico e nem quer dizer que todas essas palavras se criam por flexão de gênero. Para Câmara Jr (1970, p. 79),

o que há são substantivos privativamente masculinos, e outros, a eles semanticamente relacionados, privativamente femininos. Tal interpretação, a única objetiva e coerentemente certa, se se estende aos casos em que um sufixo derivacional se restringe a um substantivo em determinado gênero, e outro sufixo, ou a ausência de sufixo, em forma nominal não-derivada, só se aplica ao mesmo substantivo em outro gênero. Assim, *imperador* se caracteriza, não flexionalmente, pelo sufixo derivacional -dor, e *imperatriz*, analogamente, pelo sufixo derivacional -triz. Da mesma sorte, *galinha* é um diminutivo de *galo*, que passa a designar as fêmeas em geral da espécie “galos”, como *perdigão* é um aumentativo limitado aos machos da “perdiz”. Dizer que -triz, -inha ou -ão são aí flexões de gênero é confundir flexão com derivação.

Posteriormente, porém, Câmara Jr. (1970, p 79-80) descreve o processo de marcação de gênero da seguinte forma: “a flexão de gênero é uma só, com pouquíssimos alomorfes: o acréscimo, para o feminino, do sufixo flexional -a (/a/ átono final) com a supressão da vogal temática, quando ela existe no singular: lob(o) + a = loba; autor + -a = autora.” Depreende-se disso, portanto, que, quando há flexão de gênero para substantivos, o masculino seria a forma “neutra”, “não marcada”, porque a forma “marcada” (ou seja, para a qual é necessário “adicionar uma marcação”) é a forma do feminino.

Kehdi (1979, p.315), comentando este texto, diz que o entendimento “original” do professor “criou escola”:

O argumento do Autor é de que não podemos considerar -o como marca de masculino por opor-se a -a (como no par *lobo/loba*, acima), porque esse mesmo raciocínio nos obrigaria a considerar como masculino o -e de *mestre* (que também se opõe a -a; cf. *mestre/mestra*). Se é fácil associar -o a masculino, o mesmo não se dá com -e, que pode estar ligado a um ou outro gênero (comparem-se, p. ex., *ponte* (fem.) e *monte* (masc.) Ora, no caso, a solução mais

plausível (ainda na esteira de Mattoso Câmara) é considerar o masculino como uma forma não-marcada (desprovida de flexão específica), em oposição ao feminino (marcado pela flexão em -a). A vogal final das formas masculinas seria, então, uma vogal temática.

Sandmann ([1992]2020, p. 16) mencionava que palavras como “viúvo” pareciam ter mais abrangência temática, argumentando que o dicionário trazia o significado de “enviuvar”, por exemplo, como “tornar viúvo”, ainda que etimologicamente a palavra “viúva” fosse mais antiga. Outro argumento semelhante era em relação à palavra “soldado”, que, segundo o autor, seria historicamente formada por dois morfemas (sold + -ado), mas “passa a ser formada por três (sold + -ad+ -o) quando se encontra a formação *soldada*, (...) sendo que o mesmo pode-se dizer de *musa* e *pintassilgo* (...). Encontrei no jornal “muso” (...) e “pintassilga”.”

Em um entendimento diverso, Rocha (2003) afirma que o gênero é explicitado, no substantivo, por meio de sua relação sintática com o determinante. Segundo o autor, não faz sentido dizer que o substantivo flexiona em gênero, uma vez que quase a totalidade dos substantivos em português não se refere a seres sexuados e que, mesmo entre os que se referem, há palavras como *criança* e *jacaré*, por exemplo, que possuem gênero imanente (ou seja, seu gênero gramatical não se altera se é uma *criança menino* ou um *jacaré fêmea*) – palavras que costumam ser nomeadas, nas gramáticas, de “epicenos” (como *jacaré* e *onça*), “comuns de dois gêneros” (como *estudante*, *dentista*) e “sobrecomuns” (como *criança* e *testemunha*).

Devido à falta de sistematicidade na aplicação do morfema, o que ocorre com o substantivo, mesmo nesses casos, é derivação e não flexão. Para Rocha (2003, p.196),

Não está correta, portanto, a afirmativa das gramáticas de que o substantivo se flexiona em gênero, pois, como vimos na introdução deste capítulo, segundo CÂMARA JR. (1964:46), “flexão é o processo de “flectir, isto é, fazer variar um vocábulo...” Ora, na quase totalidade dos substantivos em português não se observa o processo de “flectir” para indicar o gênero do substantivo. Vimos que

a flexão de número é regular. O mesmo não se pode dizer com relação ao gênero. Dado um substantivo como *inércia*, *parafuso*, *idealização* ou *Brasil*, não é possível prever qualquer modificação, ou seja, qualquer flexão nesses substantivos com relação ao gênero. E isso se dá com a quase totalidade dos substantivos.

Rocha (2003) argumenta, utilizando os parâmetros estabelecidos por Mattoso Câmara Jr. (1970) para diferenciar flexão e derivação, que substantivos pareados por sexo (como *menino/menina*, *gato/gata*) não estão flexionados “em gênero”. Na leitura de Rocha (2003, p.194), estes critérios seriam: “regularidade, concordância e não-opcionalidade”, para a flexão, e “irregularidade, não concordância e opcionalidade” para a derivação.

O autor sintetiza que os morfemas flexionais “apresentam-se de maneira regular e sistemática; são exigidos pela natureza da frase; não dependem da vontade do falante para serem usados”, enquanto que os morfemas derivacionais “apresentam-se de forma irregular e assistemática, não são exigidos pela natureza da frase e podem ser usados ou não, de acordo com a vontade do falante”.

Também Aline Villalva (2003, p. 930) leva a cabo a aplicação dos critérios para avaliar o estatuto do gênero em português e conclui que seu comportamento não se caracteriza como flexão:

A não-obrigatoriedade de existência de contrastes de gênero e o facto de a sua realização estar a cargo quer de processos estritamente lexicais, pelo contraste de índices temáticos (cf. *aluno/aluna*; *professor/professora*) ou pelo contraste de diferentes palavras (cf. *homem/mulher*; *carneiro/ovelha*), quer de diversos processos morfológicos, como a derivação (cf. *barão/baronesa*; *judeu/judia*; *uropeu/europeia*; *conde/condessa*; *lavrador/lavradeira*; *imperador/imperatriz*; *espertalhão/espertalhona*) e a composição (cf. *águia-macho/águia-fêmea*), são propriedades que distinguem claramente o gênero das restantes das categorias morfo-sintáticas disponíveis no português, e que justificam a sua análise como uma categoria não flexional, contrariamente ao que a tradição gramatical portuguesa tem consagrado.

A autora entende que as terminações comumente analisadas como morfemas de gênero são “índices temáticos”, pois distribuem os nomes do português em classes morfológicas (-a, -o, -e, -Ø), em que a associação entre o gênero e terminação da palavra fica ainda mais evidentemente assimétrica.

Kehdi (1979, p. 317), por outro lado, trata de alguns processos que transformam bases femininas em palavras masculinas quando o sufixo termina em -o, casos como *uma novela/um novelaço* e *uma casa/um casarão*, e argumenta que “o povo, em sua linguagem espontânea, cria formas masculinas sempre em -o; p. ex., faz-se corresponder ao feminino *coisa* o masculino *coiso*, inexistente na língua culta”. Portanto, o -o carrega a associação com o gênero gramatical masculino. Neste sentido, para Kehdi (1979, p. 318), “em português, a flexão de gênero não se reduz a uma oposição -Ø/-a, e sim a uma oposição -o/-a”.³ Vale lembrar, também, que Schwindt (2020, p. 11), em análise quantitativa, observa uma correspondência entre o masculino e palavras em -o em itens de dicionário e do corpus Varsul.

Entre as palavras que têm referentes animados, Villalva (2003) observa que, ainda que existam exceções, há uma tendência de associar o masculino com entes do sexo masculino e o feminino com entes do sexo feminino. Tal observação reaparece em outro texto seu, posterior: “Regra geral, a referência a entidades humanas distingue o gênero masculino do feminino, estabelecendo um nexos entre o primeiro e sexo masculino e entre o segundo e sexo feminino” (Villalva, 2009, p. 92). Nota-se, no entanto, alguma resistência da autora à generalização, ao assinalar que esta não é uma observação universal, dada a existência de nomes de entidades humanas em que não há correspondência entre gênero gramatical e sexo da entidade (casos que não

³ O autor menciona, ainda, a oposição entre masculino e feminino presente em palavras terminadas em -e, como *mestre/mestra*, mas considera que o morfema -o parece mais forte em remeter à expressão de gênero. Relembramos aqui o caso emblemático da oposição *presidente/presidenta*, adotado por Dilma Rousseff.

são frequentes, de acordo com a autora), sobrecomuns (menos raros), e comuns-de-dois (ainda menos raros).

O que parece se configurar aqui é uma questão de uso que associa o morfema *-o* ao masculino, provavelmente, por analogia aos morfemas flexionais dos adjetivos. Isso é discutido por Rocha (2003), que nota que o processo de flexão é obrigatório para os adjetivos, classe de palavras em que o morfema flexional de masculino é o *-o*, de feminino é o *-a*, enquanto a terminação em *-e* prevalece em adjetivos que não flexionam, como podemos ver em:

- (8) a. a maçã cara / o figo caro / a banana diferente / o pepino diferente
b. a menina esperta / o menino esperto / a criança inteligente / o general inteligente

Vê-se que, nos adjetivos, o morfema zero não aparece como forma de flexão de gênero. A compulsoriedade da marcação de gênero para adjetivos que dispõe da oposição *-o/-a* é consequência do processo de concordância, uma vez que a forma masculina de *caro* ou *esperto* é um reflexo sintático sem nuances de significado, da mesma forma que a forma feminina de *cara* ou *esperta*.

O sufixo *-o*, por analogia com o sufixo de flexão de adjetivos, fornece um traço de significado masculino aos substantivos, sobretudo àqueles que indicam seres [+animado] e [+humano], que têm diferenciação sexual na ontologia. Embora essa relação com gênero seja menos comum no vocabulário, é prevalente nas palavras referentes a tais seres. O único contra exemplo encontrado sem os traços [+animado] e [+humano], a palavra “coiso”, não pode ser definida exatamente pelos traços [-animado] e [-humano], uma vez que pode ser usada para se referir a pessoas, como mostra o dado a seguir (em que esse termo é usado em referência ao ex-presidente inelegível):

(9) Cada desgoverno bolsonarista deu seu jeito para pontuar seu endosso ao **coiso**. Tarcísio homenageou um torturador. Porto Alegre criou o Dia do Patriota, que, cancelado, se tornou "do Patriotário". Zema concedeu a "cidadania honorária" para o anticidadão, anticivismo, antihonradez.

- tuíte de @hilde_angel em 30 de ago de 2023

Não podemos deixar de mencionar que a referência a entes animados e humanos muitas vezes é feita pela substantivação de adjetivos. Nesse processo, adjetivos passam a ocupar contextos sintáticos de substantivos e exibir comportamento semelhante a este, como é o caso do adjetivo *velho/velha*, que antecedido por determinante (*o velho*) passa a se referir a indivíduos velhos. Desse modo, o próprio adjetivo – biforme, no caso – carrega a oposição entre masculino e feminino para seu emprego em posição de núcleo de sintagma nominal, típica de substantivos.⁴

Porém, é importante observar que nem todos os adjetivos aplicáveis a humanos dão conta de construir a referência a entes humanos com o mesmo potencial funcional. Margarida Basílio (2008) observa que entre os adjetivos humanos há uma diferença entre substantivação plena e substantivação precária, a depender de até que ponto esses adjetivos assumem propriedades gerais de substantivos, como gênero e número, a posição sintática, a ocorrência diante de determinantes, entre outros.

- | | |
|---|-------------------------|
| (10) a. Vi três velhos parados na esquina | substantivação plena |
| b. # Vi três bonitos parados na esquina. | substantivação precária |

⁴ Há uma grande discussão sobre o caráter desse processo morfológico e sobre os limites das classes nominais do adjetivo e do substantivo sobre a qual não vamos nos alongar aqui.

A autora ressalta que não se trata apenas da possibilidade ou interdição de ocorrência do adjetivo num determinado contexto, mas também de se avaliar qual a leitura que ele assume. Enquanto (10b) é interpretado modificando algo implícito e recuperável no contexto (“[homens] bonitos”, “[garis] bonitos”), (10a) facilmente constrói a referência a “indivíduos velhos”. A substantivação precária, portanto, guardaria propriedades de modificação atributiva, e a plena seria capaz de construir a designação de indivíduos.

Segundo a autora, os casos de adjetivos para seres humanos que resultam em adjetivação plena não são tão numerosos e estão relacionados à “composição semântica” do adjetivo:

Os casos de substantivação plena correspondem apenas a cerca de 20% no corpus analisado. Este resultado é interessante, na medida em que contraria a impressão geral de que adjetivos referentes a seres humanos seriam geralmente substantiváveis. (...) O pequeno número de ocorrências de substantivação plena não reflete necessariamente um caso esporádico. Assim, por exemplo, adjetivos correspondentes a deficiências físicas e problemas mentais normalmente correspondem a substantivos plenos: ‘surdo’, ‘cego’, ‘mudo’, ‘corcunda’, ‘careca’, ‘louco’, ‘biruta’, ‘neurótico’, ‘esquizofrênico’ etc. Encontramos a mesma incidência em adjetivos referentes a religiosidade, neutros ou pejorativos: ‘santo’, ‘beato’, ‘carola’, ‘religioso’, ‘fanático’ etc. Estes dados sugerem que a substantivação plena se relaciona, pelo menos em parte, à composição semântica dos adjetivos. (Basílio, 2008, p. 16-17)

A composição semântica também afeta a possibilidade de uso pejorativo de adjetivos substantivados, que se caracteriza pelo emprego do adjetivo com função pronominal, como nas sentenças abaixo.

- (11) a. Cruzei com Pedro na rua, mas o desgraçado fingiu que não me viu
b. *Cruzei com Pedro na rua, mas o feliz fingiu que não me viu
- (12) a. Conversei com Maria, mas não consegui persuadir a teimosa.
b. *Conversei com Maria, mas não consegui persuadir a meiga.

Veremos a seguir como aparecem nos dados que selecionamos as propriedades levantadas pela literatura.

3. DISCUSSÃO DOS DADOS

Nos dados que buscamos analisar neste artigo, expostos acima em (1) a (4), há particularidades em cada caso que merecem uma exposição mais detalhada.

A palavra *feministo* está relacionada a *feminista*, que por si só não tem marcação de gênero, pois trata-se de adjetivo uniforme, como se pode observar nas sentenças abaixo.

- (13) a. Maria é feminista.
b. Pedro é feminista. Adjetivo em função predicativa
- (14) a. Maria é uma aluna feminista.
b. Pedro é um aluno feminista. Adjetivo em função atributiva
- (15) a. Maria é uma feminista.
b. Pedro é um feminista. Substantivação de adjetivo
c. Rodrigo Hilbert se considera um feminista.⁵
d. Marston era, ele próprio, um feminista.⁶

Os dados (14b) e (15b) são essenciais para observar que esse adjetivo não carrega flexão de gênero, pois a forma do determinante *um* e do substantivo *aluno* revela que os sintagmas nominais [um aluno feminista] e [um feminista] têm

⁵ Extraído de <<https://gq.globo.com/Prazeres/Poder/noticia/2019/07/rodrigo-hilbert-se-considera-um-feminista.html>>

⁶ Extraído de <<https://veja.abril.com.br/especiais/mulher-maravilha-feminista-desde-o-principio>>

comportamento masculino, enquanto (14a) e (15a) evidenciam que a forma do adjetivo não se altera em [uma aluna feminista] e [uma feminista], sintagmas que têm comportamento feminino explícito em *uma* e *aluna*.

Além disso, a presença do *-o* em *feministo* nos sintagmas masculinos leva a uma interpretação diferente em comparação com (13b) (14b) e (15b), como pode ser observado a seguir nas sentenças que complementam o paradigma apresentado acima em (13), (14) e (15).

(13) c. Pedro é feministo.	Adjetivo em função predicativa
(14) c. Pedro é um aluno feministo.	Adjetivo em função atributiva
(15) e. Pedro é um feministo.	Substantivação de adjetivo

As sentenças desse último conjunto de dados carregam a informação de julgamento pejorativo em que a qualidade que se atribui a Pedro não é a de ser parte do movimento feminista, mas sim de querer se dizer parte do movimento, enquanto tem atitudes indignas do feminismo. Há, portanto, junto com o significado masculino, uma camada crítica a respeito de uma apropriação questionável do feminismo por parte de homens sem um real engajamento com o movimento. Essa interpretação está nítida também no dado (1) acima, em que se aponta a contradição entre “pagar de militado feministo” e agir apoiando a pornografia, atitude qualificada como demagogia pelo autor do tuíte. Nessa contradição, *feministo* é o homem que usa a carta do feminismo em benefício próprio, como afirma Aline Santos (2017, p. 2-3):

Tendo em vista que uma feminista começa a exigir novas posturas dos homens com quem convive a partir de sua visão política, coloco algumas possibilidades de definir o “feministo” nessa zona de conflito: um homem que busca uma maneira de simultaneamente beneficiar-se da supremacia masculina e receber crédito por (em determinados contextos públicos e que não oferecem perigo real) combatê-la. Então quem é o feministo? Talvez uma camuflagem contemporânea de príncipe encantado. O homem despido do machismo, sensível e de barba florida. Mais do que isso, irá conduzir a donzela na maneira

correta de ser feminista, ou seja, sem fazer nada que possa deixá-lo desconfortável e inseguro de si.

Dessa forma, lexicalmente, a diferença entre um homem feminista e um homem feminista se situa no fato de que a adesão ao movimento deste último é circunscrita às possibilidades de se dar bem, seja por aderir ao movimento sem se engajar politicamente na luta que ele pressupõe, seja por simular esta adesão como forma de se aproximar de mulheres. Linguisticamente, há um sabor pejorativo associado ao emprego dessa forma que faz com que ela seja usada para ridicularizar alguém e, portanto, raramente seja usada para referir-se a si próprio.

Como mencionamos na seção anterior, a associação com o masculino se dá por analogia com o *-o* marcador de masculino na flexão de adjetivos. Mas contribui para essa analogia o fato de que, por conhecimento de mundo, sabe-se que o referente do substantivo *feminista* é “prototipicamente” feminino. Assim, a oposição *-a/-o* se mostra como uma potencialidade sistêmica, mesmo que em princípio o adjetivo *feminista* seja uniforme (sem diferenciar masculino de feminino) e ainda como uma possibilidade de subespecificação para um certo tipo de homens feministas – os demagogos.

O item *princeso* chama atenção porque deriva de um substantivo que tem diferenciação de gênero lexicalizada. O par *príncipe/princesa*, em princípio, codifica a diferença de gênero para filhos de reis e rainhas, mas essas palavras assumem especializações de significado em contextos modernos, recortando traços mais específicos por associação aos costumes de príncipes e princesas na cultura e literatura ocidental. Uma princesa é vista como alguém frágil, que precisa ser mimada e que mesmo tem uma vida fácil. Um príncipe reúne as características desejáveis para um relacionamento romântico, ou predicados como bravura, coragem, posses, filiação nobre, herança, entre outras características (reais ou imaginárias, vindo de relatos históricos ou dos contos de fadas).

Salientamos, então, que a palavra *princeso* não entra em concorrência com *príncipe* para expressar o masculino de filho macho da realeza. Como carrega o radical de *princesa*, ela aciona as características socioculturais da vida fácil e adiciona a especificação de que se trata de um referente masculino.

(16) William é o príncipe de Gales.

(17) Kate é a princesa de Gales.

(18) William é o princeso de Gales.

Há claramente uma diferença de interpretação entre (16) e (18), situada na interpretação jocosa de *princeso* como alguém fútil, mimado.

Similarmente, *princeso* pode também remeter carinhosamente a alguém que é mimado dentro de um relacionamento, como culturalmente se costuma dizer que princesas são tratadas.

(19) Eu surto, xingo mas não largo meu princeso de jeito nenhum KKKK 🍷👉

- tuíte postado por @eaemozao8 em 23 de agosto de 2023

Por trás desses usos, também se observa uma intencionalidade particular, desta vez em direção a uma igualdade de gênero no relacionamento: ambas as partes do relacionamento podem ocupar papéis de príncipe e princesa reciprocamente, no sentido de que os dois estão em posição de mimar e de serem mimados.

Os itens *muso* e *divo*, ainda que já dicionarizados como inspirações artísticas ou deidades mitológicas, foram apropriados pelo universo online para descrever pessoas que se destacam não apenas por sua beleza, mas também por sua personalidade, estilo ou talento. Em plataformas de mídia social como Instagram, Twitter e TikTok, é comum ver usuários empregando essas e as versões femininas

para elogiar celebridades, influenciadores digitais ou mesmo amigos. Note-se que, etimologicamente, *musa* vem da mitologia grega e era utilizada para se referir entidades unicamente mulheres, assim como *diva* era a forma feminina de se falar de deusas. Atualmente, seu significado preservou o conteúdo associado à inspiração e admiração, mas com alguma nuance do que se vem chamando na cultura da internet de “lacre” – uma atitude que se destaca ou encerra um tópico de discussão.

Nos exemplos (20) e (22), os itens lexicais se aplicam exatamente no mesmo contexto em que as palavras “musa” e “diva” (21 e 23), demonstrando a equiparação em termos de significado.

(20) Para muita gente – e para mim também – ele [Visky] é um muso da liberdade.⁷

(21) Bruna Marquezine é uma musa fashionista.⁸

(22) Ela provocando o divo só porque o coração dele tá falhando ⁹

(23) Coisa linda a @gloriagroove cantando "Apaga Luz" A diva entrega muito no vocal! 🌟¹⁰

De forma geral, observamos que os dados que apresentamos aqui para os quatro itens lexicais em análise compartilham a referência a entes humanos e assim se enquadram na observação de Villalva de que há uma correlação entre gênero gramatical e sexo nessa subcategoria. No caso de *feministo*, trata-se de substantivação de adjetivo humano, conforme proposta de Basílio, mencionada anteriormente.

⁷ Extraído de <<https://glamurama.uol.com.br/cultura-e-entretenimento/rainer-cadete-visky-e-muso-da-liberdade-em-um-pais-careta/>>.

⁸ Extraído de <<https://www.cnnbrasil.com.br/estilo/musa-fashionista-veja-o-estilo-de-bruna-marquezine-que-foi-de-estrela-mirim-a-heroina-da-dc/>>.

⁹ Extraído de <<https://contigo.uol.com.br/noticias/famosos/por-que-christiane-torloni-foi-detonada-ao-prestar-solidariedade-para-faustao.phtml>>

¹⁰ Extraído de <<https://www.tiktok.com/@multishow/video/7237158675687787782>>.

Acompanhamos Kehdi na análise desse morfema como um morfema derivacional de gênero e entendemos que ele demarca a distinção entre entes humanos masculinos e entes humanos femininos.

O significado desses itens está estreitamente relacionado à sua contraparte feminina, ainda que essas formas estejam abertas à subespecificação de valores de afetividade (pejorativo, jocoso, afetuoso, entre outros) contextualmente.

3.1 UMA NOTA SOBRE AFETIVIDADE

Uma das considerações que fizemos anteriormente dizia respeito ao fato de estarmos de acordo com o fato de a sufixação em *-o* não ser um caso de flexão, mas sim de derivação. Como vimos, isso significa dizer que estamos diante de criatividade linguística: falantes criando palavras para denotar situações que, provavelmente, surgiram de novas necessidades sociais.

Ao percorrermos os dados contendo esses itens lexicais, notamos que, com alta recorrência, estão carregados de expressividade do falante, que usa esses termos não apenas pelo seu conteúdo referencial mas também mobilizando algum efeito retórico sobre o dizer. Relembramos a observação de Sandmann ([1991]2020, p. 27) a respeito dos aspectos estilísticos que acompanham sufixos derivacionais:

Temos observado que os sufixos derivacionais se prestam frequentemente ao emprego estilístico, isto é, à expressão da emocionalidade, emprestando à mensagem maior força comunicativa, desempenhando o que Jacobson chama de função poética da linguagem, função que não temos observado ser própria dos sufixos flexionais.

O autor menciona que vê expressão de afetividade valorativa em termos derivados como *mulherão* e *carrão*, enquanto termos como *mulherzinha* são imbuídos de afetividade depreciativa. A noção de “expressão da emocionalidade” corresponde nas descrições da seção anterior aos termos empregados – com alguma

frouxidão – ora para se referir ao julgamento pejorativo, ora à intenção jocosa ou carinhosa, cuja intencionalidade pode ser apreendida apenas na análise caso a caso. Atualmente, somos capazes de pensar que nem sempre um diminutivo é empregado em tom depreciativo, por exemplo. Assim, não é ainda possível generalizar, a partir destes dados, qual é o valor afetivo destinado a esse tipo de processo em tela, mas nos parece saliente que ele exista.¹¹

Para além disso, endossamos aqui as considerações de Gonçalves (2016) que, retomando seus trabalhos anteriores, menciona uma função da formação lexical responsável por “veicular informações relevantes acerca de estilos vocais específicos” (2005a, p. 87, apud Gonçalves 2016, p. 24). Ele chama essa função de “indexical”, o que significa dizer que

determinadas estratégias podem funcionar como uma espécie de “sistema de sinalização”, revelando o perfil sociolinguístico do usuário. No âmbito da morfologia, a (não) escolha da expressão afixal pode ser interpretada como vestígio de um sinal codificado sócio-culturalmente. (Gonçalves, 2011a, p.64, apud Gonçalves, 2016, p.25)

A argumentação de Gonçalves (2016, *inter alia*) pretende explicitar que formamos e usamos novas palavras também para nos identificar com determinados grupos. Isto faz sentido quando observamos as formas em análise neste trabalho. *Feministo* e *princeso* (esta última em alguns casos) parecem ser palavras de cunho mais pejorativo para se referir a homens com determinado tipo de comportamento, e nunca a mulheres. A palavra *princesa* pode ser usada de forma pejorativa, mas isso depende muito mais de fatores extralinguísticos. Já a palavra *feminista* não parece possível de ser usada com o sentido de “proveitadora do movimento”, nem no masculino, nem no feminino, considerando-se uma mulher que não engaje na causa

¹¹ Sobre o tipo de valor que se atribui à uma reversão de gênero gramatical, que não é necessariamente o caso aqui, ver Moura e Mäder (2022).

mas participe do movimento para se aproximar de outras mulheres com objetivos sexuais e amorosos.

Isto não quer dizer, no entanto, que a palavra *feminista* não possa ser usada de forma pejorativa; neste sentido, contudo, o que se considera é um entendimento equivocado de seu significado original, como fazem os movimentos de extrema direita e antifeministas, por exemplo, ao considerar que uma “mulher feminista” é o contrário de “uma mulher machista” ou o contrário de “uma mulher feminina”.

Observe-se, ainda, que determinados contextos favorecem o uso de *princeso* como um sinônimo de *princesa* para um referente masculino de forma positiva, ou seja, alguém que pode ser bem cuidado, digno de ser bem tratado e receber mimos e demais tipos de mordomias e regalias por parte de alguém.

Em relação às palavras *divo* e *muso*, entendemos que parecem ser restritas a contextos LGBTQIAPN+ (se é que se aplicam a todos os diferentes grupos designados por essa sigla) e seu uso não parece ser pejorativo, apenas fortemente nichado para homens que não se sintam ameaçados por serem descritos com a versão “masculina” de termos cunhados estritamente para a versão feminina. Como já dissemos anteriormente, “musa” é um ser mitológico para o qual sequer existe correspondente masculino. *Divo*, no entanto, por mais que seja um vocábulo mais reconhecível, ainda remete ao campo semântico da palavra gramaticalmente feminina. Um *divo* não é um “astro”, não é um “ícone”, não é um “sex symbol”: é um ser do sexo masculino que tem algum glamour associado a si.¹²

Os usos dessas palavras, portanto, estão restritos a contextos sociolinguísticos e socioculturais que envolvem identificação de grupos e de seus membros, de acordo

¹² Certa vez, uma de nós estava em uma festa infantil observando as crianças. As meninas colocavam vestidos disponibilizados para as crianças brincarem, dizendo que iam a um “baile das fadas”. Um menino do grupo, conhecido por amar brincadeiras com fantasias, colocou também um vestido, o último dos mais adornados, deixando uma menininha sem fantasia para o baile. Quando algum adulto disse para ele que os vestidos eram para o baile das fadas e ele não poderia usar, e deveria deixar para a menininha que tinha ficado sem, ele respondeu: “Mas eu sou um fado!”.

com a função indexical descrita por Gonçalves (2016). Com isso, ainda pode-se dizer que essas formações são capazes de identificar os falantes como pertencentes a determinada faixa etária, sexo, grau de escolaridade etc.

Contudo, não conseguimos fazer uma generalização a respeito dos processos aqui para afirmar que a formação de palavras com o sufixo *-o* refere atitude depreciativa ou que temos processos de criação de palavras para designar entidades cuja existência ainda não era nomeada. O que observamos é a evidente ligação deste morfema com o significado de masculino, especialmente na associação com seres do sexo masculino.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As perguntas elencadas na seção de apresentação inicial dos dados nortearam as reflexões que apresentamos neste artigo. Assim, podemos recapitulá-las para averiguar os resultados da discussão.

É pertinente analisá-la como vogal temática como costumeiramente se faz com outras palavras terminadas em *-o*? A análise de vogal temática apaga a relação observada que aponta para uma correlação entre a presença dessa marca e o sexo masculino de referentes animados e humanos.

Note-se que não se trata de uma restrição: não é o caso que referentes animados e humanos de sexo masculino só possam ser expressos por nomes masculinos – os nomes sobrecomuns como *testemunha* e *criança* dão testemunho do contrário. Mas a presença da marca *-o* quando se configura um par *-o/-a* abre espaço para a subespecificação de gênero gramatical associado ao sexo do referente. Note-se que a própria palavra *criança* tem registros já do século XIX em português europeu (24) e vem circulando também modernamente (25):

(24) Ora esta! a minha missão acabou por ficar eu ama-seca do crianço do Sr. Vasco! - Corpus Vercial, v. 15.0, id="Novelas_do_Minho_II Prosa:novela CCB 1877 *realismo_naturalismo masc* " – Camilo Castelo Branco, em "O filho natural", 1877.

(25) Certo crianço estreou a fase das janelinhas hoje e resolveu fazer um desenho comemorativo pela perda do primeiro dentinho
- tuíte de @liviafer_ em 28 de agosto de 2023.

Assim, concluímos que, a despeito de a vogal temática -o servir para classificar substantivos como *copo, armário, foto e libido* em uma classe nominal do português, a presença do -o como marcador de masculino em adjetivos biformes, como *bonito e bonita*, exerce pressão para que se crie, por analogia, morfema de derivação "-o/-a" para a formação de novas palavras, como é o caso de *crianço, feministo, princeso, muso, divo, coiso* e ainda *anja, ídola*.

Qual a natureza da marca -o nas palavras *feministo, princeso, divo e muso*? Com base na revisão bibliográfica apresentada na segunda seção, é seguro dizer que se trata de marca derivacional, porque não apresenta regularidade nem concordância e é opcional, seguindo a análise apresentada pelos diversos autores para o gênero dos substantivos do português. Além disso, é possível observar os significados associados às novas palavras criadas a partir da adição deste sufixo.

Qual a relação entre essa marca e o gênero masculino? A presença do morfema -o no final contribui para o significado da palavra selecionando referentes de sexo masculino para substantivos animados e humanos.

Por isso é importante questionar a análise do masculino como a forma não marcada na língua portuguesa. Se é verdade que há no português palavras masculinas de gênero gramatical arbitrário (*quadro*), também é o caso que existem palavras femininas igualmente de gênero gramatical arbitrário (*cadeira*). A mesma

correlação está dada para os casos em que o feminino gramatical espelha o feminino do referente no mundo quando se trata de entes animados e humanos (*menina*), e igualmente o masculino gramatical espelha o masculino do mundo (*menino*). A arbitrariedade dos referentes de substantivos inanimados não justifica que o tratamento seja aplicado universalmente também a substantivos animados, quando há estudos que demonstram seu comportamento gramatical discrepante, ainda mais quando se trata da criação de novas palavras que estão sendo usadas para estes referentes. O movimento de apagamento dessas diferenças gramaticais não é isento das questões políticas subjacentes ao fazer científico da Linguística.

Desnaturalizar a assunção de que o *-o* possa ser neutro quando se trata de referenciação de substantivos animados e humanos é uma questão urgente na descrição do português, especialmente quando o argumento do masculino genérico é usado como pauta para discriminação de minorias que fazem uso de propostas de linguagem não binária.

A emergência de movimentos de inclusão de gênero e a discussão em torno de identidades não binárias têm desafiado a classificação tradicional do masculino como genérico da mesma forma que a existência desse movimento tensiona as premissas do sistema patriarcal como um todo. Nesse sentido, a análise do morfema *-o* como marcador de gênero masculino requer uma abordagem reflexiva e sensível às complexidades de gênero que vão além do binarismo convencional, evitando assim uma interpretação simplista do papel do morfema na expressão de gênero em palavras derivadas.

REFERÊNCIAS

BASILIO, Margarida. Substantivação plena e substantivação precária: um estudo sobre formação de palavras. *Diadorim* (Rio de Janeiro), v. 4, p. 11-24, 2008. doi: <https://doi.org/10.35520/diadorim.2008.v4n0a3872>

CÂMARA JR, Joaquim Mattoso. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1970.

GONÇALVES, Carlos Alexandre. *Atuais tendências em formação de palavras*. São Paulo: Contexto, 2016.

KEHDI, Valter. A flexão de gênero em português. *Língua e Literatura*, v. 8, p. 315-318, 1979.

MARTIN, John. Gênero? *Revista Brasileira de Lingüística*, v. 2, p. 3-8, 1975.

MOURA, Heronides; MÄDER, Guilherme R.C. Reversão de gênero gramatical em português brasileiro. In: BARBOSA FILHO, F. R.; OTHERO, G. A. (Org.). *Linguagem "neutra". Língua e gênero em debate*. São Paulo: Editora Parábola, 2022. p. 37-51

ROCHA, Luiz Carlos de Assis. *Estruturas Morfológicas do Português*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

SANDBMANN, Antonio José. [1991] *Morfologia Geral*. Edição fac-similar comemorativa. Curitiba: Editora da UFPR, 2020. Disponível em: <https://www.editora.ufpr.br/portal/wp-content/uploads/2020/10/Morfologia-Geral_fac-s%C3%ADmile_Final.pdf>. Acesso em 31 ago. 2023.

SANDBMANN, Antonio José. *Morfologia Lexical: Formação de palavras. Ampliação do léxico. Produtividade Lexical*. Edição fac-similar comemorativa. Curitiba: Editora da UFPR, 2020.

SANTOS, Alice Porto dos. O humor como estratégia de resistência na série "Marcha dos Vadios". In: *Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's World Congress*. Anais Eletrônicos... Florianópolis, 2017. p. Disponível em: <http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499493041_ARQUIVO_OHU_MORCOMOESTRATEGIADERESISTENCIANASERIE.pdf> Acesso em 26 ago. 2023.

SCHWINDT, Luiz Carlos. Sobre gênero neutro em português brasileiro e os limites do sistema linguístico. *Revista da ABRALIN*, v. 19, n. 1, p. 1-23, 2020. DOI: 10.25189/rabralin.v19i1.1709. Disponível em: <<https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1709>>. Acesso em: 28 ago. 2023.

VILLALVA, Aline. Estrutura morfológica básica. In: MATEUS, M. H. et al. *Gramática da Língua Portuguesa*. 5. ed. Lisboa: Caminho, 2003. p. 917-938.

VILLALVA, Aline. *Morfologia do português*. Lisboa: Universidade Aberta, 2007.